



CUSPINDO CAROÇOS,
almeida da silva

almeida da silva
cuspiendo caroços,

Memorial formatado apresentado como trabalho de conclusão
do curso de graduação em artes visuais/escultura da escola
de belas artes da universidade federal do rio de janeiro.

orientação: jorge luiz dutra soledar

rio de janeiro
2020

almeida da silva
cuspiendo caroços,

Memorial formatado apresentado como trabalho de conclusão
do curso de graduação em artes visuais/escultura da escola
de belas artes da universidade federal do rio de janeiro.

apresentado em 25 de novembro de 2020
banca examinadora:

Prof. dr. jorge luiz dutra soledar
orientador - universidade federal do rio de janeiro

profa. dra. dinah de oliveira
avaliadora - universidade federal do rio de janeiro

profa. ma. camilla rocha campos
avaliadora - universidade federal do rio de janeiro

agradecimentos

*Aos meus,
velhos e novos,
de antes e depois*

*Que os caminhos sejam mais fáceis,
Que as pontes estejam mais fortes.*

resumo: Procurando sempre lembrar, tanto pela revisitação de trabalho produzidos durante o tempo na graduação em artes visuais, quanto pelos atravessamentos que permeiam tempos-outros, que permeiam territórios-além. *Cuspindo caroços*, procura por memórias, das que foram esquecidas ou não conseguiram chegar ao tempo-agora. É também a oportunidade de registrar os meus velhos, para além do peso das palavras. E sobretudo, para os próximos que virão, aliviar as tensões que das nossas trajetórias, e que ainda em vida tomaremos todos juntos, os refrescos das gerações de suor derramado para a construir esta terra.

palavras chave: Arte; Memorial; Ancestralidade

abstract: Always trying to remember, both for revisiting the work produced during the time of graduation in visual arts, as for the crossings that permeate other times, which permeate territories beyond. Spitting out lumps, looking for memories, of those that have been forgotten or have failed to reach time-now. It is also the opportunity to register my elders, in addition to the weight of the words. And above all, for the next ones to come, relieve the tensions that come from our trajectories, and that in life we will all take together, the refreshments of the generations of sweat poured out to build this land.

keywords: Art; Memorial; Ancestrality

lista de figuras

- Fig1 e 2.** Bocas de caçapa, desenhos em giz de cera e hidrocor sobre papel ofício A4, 2020
- Fig 3 e 4.** *Picolés* servidos na Escola de Belas Artes em 2017
- Fig 5 a 8.** Série *Caroços*, 2020
- Fig 9 e 10.** Escritos, acervo pessoal. 2015
- Fig 11.** Captura do filme *Close de Bixa Preta*, 2016. Disponível em: shorturl.at/mnDFY
- Fig 12 e 13.** Captura dos filmes *Capitão-do-mato 1 e 2*, 2016 e 2019, respectivamente
- Fig.14.** Resultado da ação *Dona Benta*, 2016
- Fig 15.** Registro do serviço *Apagão*, realizado no Centro de Artes Hélio Oiticica em 2018
- Fig 16.** O primeiro dente que perdi e Nossa Senhora no pescoço de minha mãe, 2020
- Fig 17.** São Jorge Guerreiro ou Ogum, no pescoço do meu pai, 2020
- Fig 18.** Arroz com feijão da minha mãe, 2020.
- Fig 19.** Não há dengue maior que a geladeira cheia de cerveja. Fotografia digital, 2020
- Fig 20.** euzinho. Desenho. 2020
- Fig 21.** Mocinha. Desenho 2020
- Fig 22.** Seu Lívio. Desenho 2020
- Fig 23.** Seu Adauto. Desenho, 2020
- Fig 24.** Bicha de fogo 1. Desenho, 2020
- Fig 25.** Bicha de fogo 2. Desenho, 2020
- Fig 26.** Bicha de fogo 3. Desenho, 2020
- Fig 27.** Bichas de fogo. Desenho, 2020
- Fig 28.** Bicha de fogo 6. Desenho, 2020
- Fig 29.** Bichas de fogo se atracando 2. Desenho. 2020
- Fig 30.** Caroço 1 ou Nelson do Nascimento da Silva. Desenho, 2020
- Fig 31.** Caroço 2 ou Tania Regina Lima de Almeida. Desenho, 2020

trajetória

- Pag. 5 : agradecimento
- Pag. 6 : resumo
- Pag. 7 : lista de figuras
- Pag. 7 : trajetória
- Pag. 9: cuspindo caroços,
- Pag. 11: aqui jaz
- Pag. 19: trilhar os caminhos.
- Pag. 28: ouvir os velhos.
- amuletos
- transcrição do dia 22 de julho de 2020
- fofoqueiros lá da rua
- bichas-de-fogo
- Pag. 49 : seguir em frente.
- Pag. 55: atravessamentos



Fig 2. Boca de caçapa, 2020

cuspiendo caroços,



Fig 3 e 4. Picolés servidos na EBA em 2017.

*

A ferida do presente ainda é a ferida do passado e vice-versa.

KILOMBA, pag 62.

Durante todo esse tempo, com as rédeas muito bem atadas, sinto muita dor quando uso a comunicação, principalmente comigo mesmo. Na verdade, está entre o prazer e dor, pois sei que viemos por tanto tempo, acumulando nestes órgãos, palavras. Nas primeiras vezes as cordas vocais sacodem como nunca funcionaram antes. E não mesmo, não nessa frequência. É impossível iniciar este movimento sem situar que escrevo dentro do tempo e território rio de janeiro, 2020. Onde políticas de extermínio se tornaram cotidiano, e consequentemente, mesmo pelas retinas que carrego, ter consciência de estar em um contexto de guerra já não nos apavora tanto. Pois são nestas atribuições, de dominância e territorialidade, como nos esportes coletivos, ou nas guerras, onde a escolha de cada indivíduo, estado ou nação participante é fundamental para formar um corpo unificado forte. A busca insaciável por sincronicidade e cooperatividade universal, também reforça práticas de oposição, onde para existir um *eu* precisa existir *outro* inversamente proporcional, e conflitos de poder, onde o estado exerce sua soberania¹, sobretudo sobre os corpos como os que vos escreve. Então, por ser o órgão validador deste documento, acredito que seja necessário começar este registro memorial, atribuindo às instituições, - particularmente, as instituições de ensino - por

¹ MNBEMBE, Achile, pg. 18. Necropolítica

formar, idealizar, validar e distribuir idéias e práticas as quais somos atribuídos até então² e que foram fundamentais para difundir e dissolver no imaginário popular representações nos violentam até hoje. Trago esta reflexão pois vejo nos dos novos, um ideal romântico de que as universidades cultivam um espírito libertador e na verdade, é mais do que isso. Também é um espaço que possui uma herança exclusória ainda muito viva e recorrente nas paredes. Não obstante, alguns dos trabalhos que produzi durante os últimos anos e que serão apresentados ao longo do texto, possuem uma tentativa de abordar as dores que as práticas disciplinadoras que atravessam o corpo, ainda mais o racializado, estão, em sua maioria relacionadas às instituições de ensino: escola, universidade, família. Repetidamente, ao entrar nas paredes dos edifícios gigantescos as quais carreguei esta carcaça, como um mantra repito:

A máscara não pode ser esquecida
A máscara não pode ser esquecida
A máscara não pode ser esquecida

Não há mais possibilidade de esquecer pois nesta grande lua cheia orbita-se uma bibliografia valiosíssima e saberes outros, que são essenciais para jornada de autodescoberta e investigação a respeito da causa das dores de garganta e barriga muito presentes nas carcaças de todos os *nossos*. Consigo enxergar como vitoriosos também todos aqueles que conseguem discorrer com facilidade, em palavras, a respeito deste obsessivo. A capacidade de transcrever, pela língua ou pelos dedos, memórias em palavras, nossas e anteriores, é um fardo incalculável, tal qual o peso do Yurugu³ nas costas. Pois desde os primórdios da expansão europeia, nunca nos foi permitido utilizar as palavras com plena autonomia como agora. Carregamos e construímos esta e várias outras nações com as mãos, porém a *máscara do silenciamento*⁴ apodreceu nossos dentes.

Convido-os a colar, adentrar nestas páginas e nas materialidades possíveis, os que me/nos guiam, regem e compartilham neste e nos outros planos para que este trajeto seja feito da maneira menos dolorosa possível. Entrei nessa roda pela falta. A falta que faz as memórias, a falta que faz os afetos, a fome e a sede também são falta de alguma coisa. Sugiro que transbordemos de nós mesmos, pois assim conseguiremos seguir em frente. Como quando Lélia Gonzalez (1984) atribui o ato de falar⁵ a uma situação de constante perigo, construir este

² “Nós nos tornamos a corporificação de cada um desses termos, não porque eles estão inscritos fisicamente na superfície de nossas peles e não porque eles são reais, mas por causa do racismo, que, como mencionei anteriormente, é discursivo e não biológico.” KILOMBA pág. 156

³ “Este ser masculino foi conhecido como Yurugu (Ogo), quem arrogantemente desejou competir com Amma e criar um mundo melhor do que aquele que Amma havia criado. Com sua placenta fragmentada ele criou a Terra; mas ela só podia ser imperfeita, uma vez que ele estava incompleto, ou seja, nascido prematuramente, sem sua alma-gêmea fêmea. Percebendo que ele estava falho e, portanto, deficiente, Yurugu voltou a Amma, em busca de seu ser [self] feminino complementar. Mas Amma tinha jogado a sua alma feminina fora. Yurugu, para sempre incompleto, foi condenado a perpetuamente procurar a plenitude que nunca poderia ser sua. A Terra, que ele havia contaminado no ato de auto-criação, era agora habitada por seres de alma-individual [single-souled], impuros e incompletos como ele. Os descendentes de Yurugu, todos eternamente deficientes originaram-se em um ato incestuoso, uma vez que ele tinha procriado com a sua própria placenta, a representação de sua mãe.” (ANI, Marimba, 1994)

⁴ “Tal, máscara foi uma peça muito concreta, um instrumento real que se tornou parte do projeto colonial europeu por mais de trezentos anos. Ela era composta por um pedaço de metal colocado no interior da boca do sujeito negro, instalado entre a língua e o maxilar.” KILOMBA, pag. 33

⁵ “O risco que assumimos aqui é o do ato de falar com todas as implicações. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (infans, é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos), que neste trabalho assumimos nossa própria fala.” (GONZALES, 1984, p. 225)

documento, também ele faz dele um alvo. A cada palavra, ao sair, é possível sentir o cheiro do perigo de parir este negócio. Em uma civilização fundada nas práticas de dominação humana não é comum línguas como as nossas estarem de fora. Foi necessário ter consciência de quais vozes dentro⁶, não necessariamente as das cordas vocais, estão dispostas a serem ditas, que foram pelos sussurros e cochichos que chegamos a este ponto, de utilizar as palavras com plena autonomia. Também foi pela oralidade⁷, mecanismo fundamental para a forma de reprodução do racismo brasileiro, diretamente ligado a teorias eugenistas de diferenciação racial as quais já transcenderam a escrita, que sobrevivemos e *superpopulamos*⁸ esta terra.

Apesar da palavra ser reconhecida como um dos pilares fundamentais na construção de uma realidade cultural e linguística firmada na compressão associativa. Numa vida projetada para a formar um homem negro, somos estimulados a manter o silêncio por quase todo o tempo. Talvez por isso tenha decidido as artes enquanto linguagem da visualidade. Na tentativa de fugir das palavras, que até pouco tempo acreditava que quanto mais longe delas estivesse e mais próximo das imagens, não haveria tanto peso a carregar. Demorei um pouco para perceber que não há antagonismo entre. Existe conflito, como em qualquer relação familiar, já elas são irmãs, parentes. Nesse relacionamento, enquanto linguagem são as palavras e consequentemente, são “através das imagens e dos discursos que se tornam associativamente equivalentes, mantendo identidades em seu lugar”⁹. Contudo, não pretendo discorrer a respeito do que não cabe, e o que cabe é que a partir de agora preciso carregar o peso de estar com as palavras dentro da boca e a cabeça cheia de memórias. Dentre elas, a prioridade está em aliviar, pelos dedos ou pelo corpo, todas as memórias que eu conseguir ao longo desta vida e, sempre que puder, dar espaço para novas.

Neste que compreendo enquanto a oportunidade de materializar lembranças, aqui as palavras que tomam a força que se formam nas imagens, e por isso, é fundamental posicionar este documento em direção aos que de alguma maneira compreendem que este texto não busca uma sequencialidade. Muito menos há preocupação em parecer assertivo. São pelos atravessamentos que deixo dançar esta escrita. Por isso, desde já, peço desculpas por quaisquer incompreensões, pois muitas das vezes permito-me atravessar pelos campos através dos sonhos, que como pouco lembro, são complicadíssimos de decifrar.

Agora, ao longo dos poucos anos desta vida, ainda uivando as palavras, sambando entre elas, desejo acumular a este documento, memórias adquiridas pelas investigações dos afetos. Venho atravessando pelas matas desconhecidas, as minhas, dos meus velhos e dos mais velhos ainda, acumulando e cuspiendo, acumulando e cuspiendo, arquitetando trilhas novas para , sempre que puder, retornar.

⁶ “Sim, porque há um corpo dentro do corpo. E dentro do corpo preto racializado há pelo menos dois corpos dentro de um só corpo. Podemos chamar esses corpos interiores de corpos subjetivos ou de subjetividades.” (Cruz, Yhuri p.1)

⁷ “A oralidade põe em descrédito quem se diz vítima do racismo, garantindo a impunidade do agressor, tornando-se o pilar da reprodução do racismo brasileiro: quanto mais alto e quanto mais baixo se está na hierarquia social, com mais facilidade se usa a oralidade cumprindo assim o objetivo racista de reproduzir desigualdades.” (LIMA, Maria Batista p. 35)

⁸ Para solucionar a “ameaça da mancha negra” , como Abdias trata uma das maiores preocupações da comunidade branca pós-abolicionista, é posto como um plano desenvolvido por diversos órgãos de controle, a fim de combater a “ameaça racial”. Superpopulações são acarretadas por um descontrole no aumento de números de indivíduos a maneira que podem causar um desequilíbrio no ecossistema, podendo prejudicar inclusive a sobrevivência de outras espécies.

⁹ Kilomba, Grada, pg. 157. Memórias da Plantação

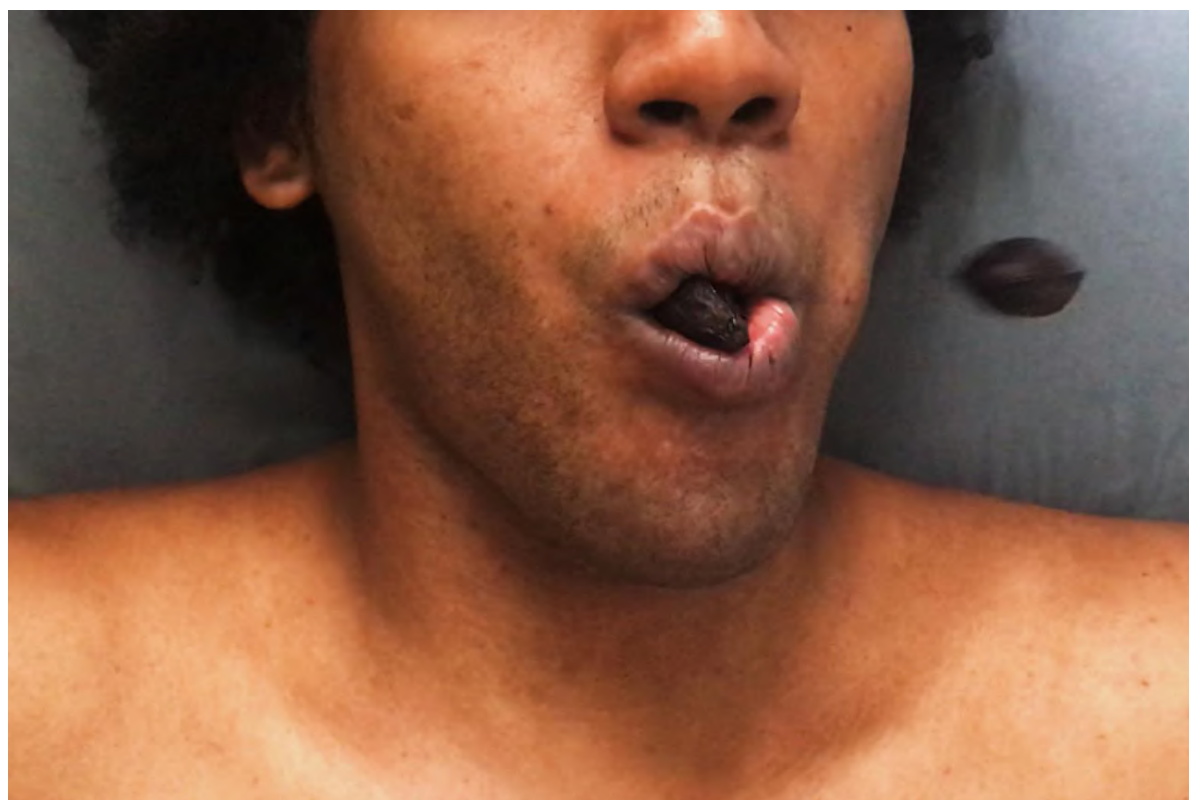
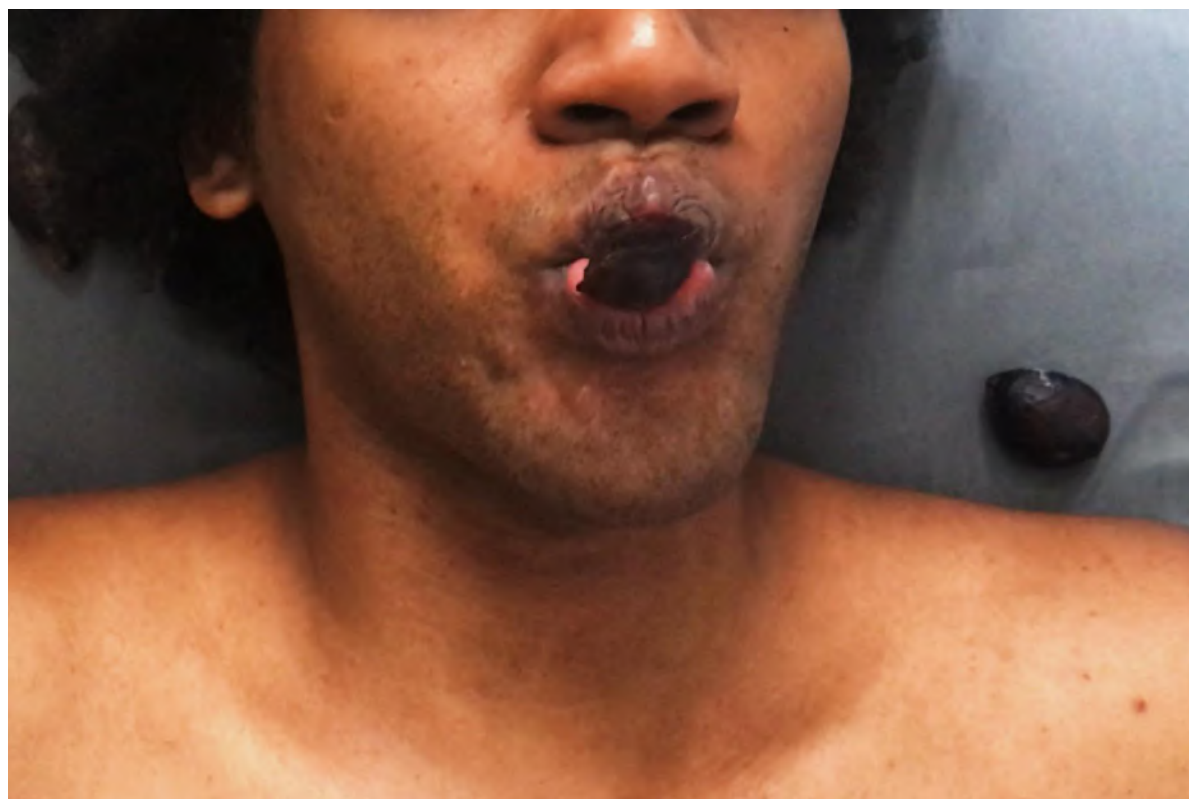




Fig 5 a 8.Série *Caroços*, 2020

aqui jaz

AQUIJAZ O MEU CORPO PRETO

E ROSA

O CORPO IMPOSTO

O CORPO INTERNO ESPERANDO A
LIBERDADE

O CORPO MULTIPOLAR

ANTAGONISTA DO MEU

PARTE DO MEU CORPO COMPLETO

UM EXTRA UENUSIANO

VIVENDO EM MARTE

UM CORPO BARATA

QUE VIVE

E SOBREVIVE

E REVIVE

E MULTIPLICA

SOB O RESTO DOS CORPOS

SEM COR

COM NECESSIDADE DE ESTAR SOBRE

DE APARECER

COM NECESSIDADE DE ESTAR

DO LADO DOS SEM COR

AQUIJAZ O CORPO

O CORPO É FALO

O CORPO O QUE NÃO FALA

SÓ GEME

E GOZA

E METE

MEU CORPO PRETO

QUE VIVE PARA SER CONHECIDO

QUE NOME CEJA

AQUI JÁ O CORPO COLORIDO

QUE DESTACA

QUE ESURECE E SUJO DE DADA

DE POEIRA E VOLUME

AQUI JÁ O CORPO PRETO

O CORPO QUE NÃO GEME

NÃO FALA

E GOZA...

*

Compartilho estes escritos pois, provavelmente, foi o primeiro poema que escrevi nessa vida, ou que recordo. Escrevi no fim de 2015, aos 18 anos, engatinhando em direção a compreensão da presença desta carcaça que carrego dentro dos espaços institucionais que percorro. Nesse período, acreditava que conseguiria me desvincular completamente das amarras que eu não ainda nem entendia quais, nestas palavras. Acredito que este seja o primeiro caroço que tive coragem de cuspir. Fez parte do filme *Close de Bixa Preta* (2016) também, de gigante importância para reforçar este grito. Aqui jaz um tempo que não é mais o agora, sobre os pavores de se carrega pelo mundo, até então, praticamente sozinha.

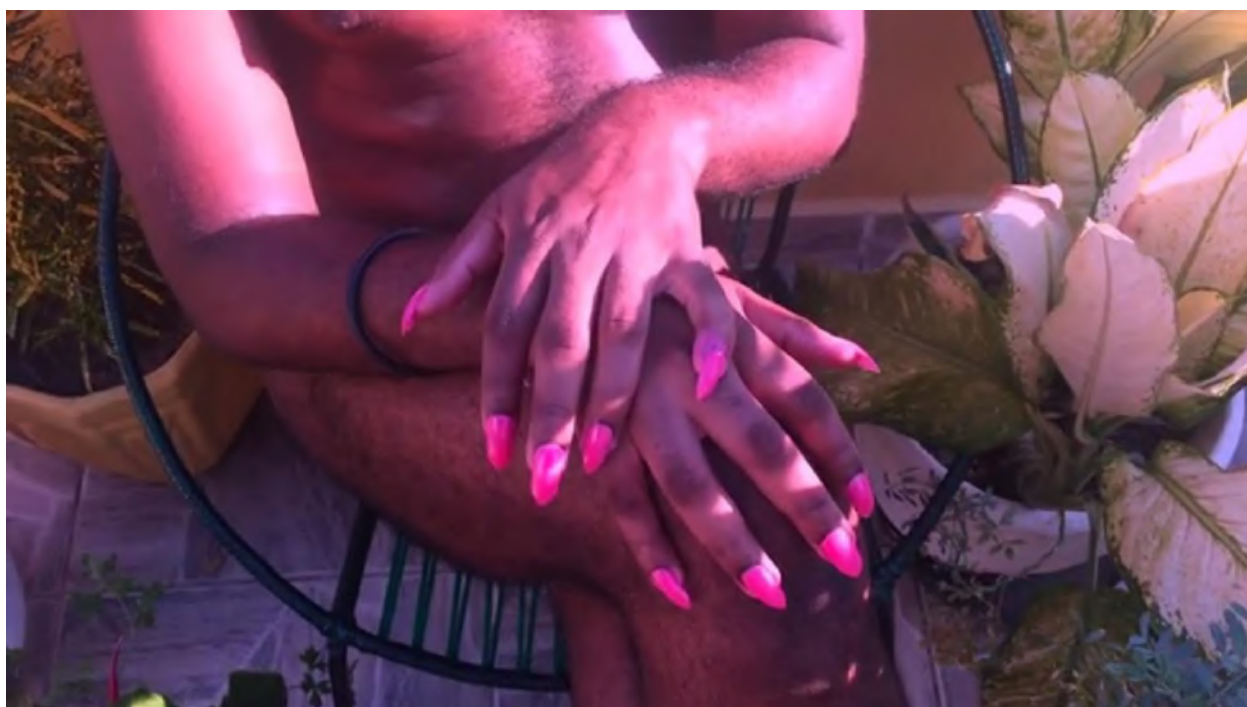


Fig 11: Captura do filme *Close de Bixa Preta*, 2016.

procurando trilhas.

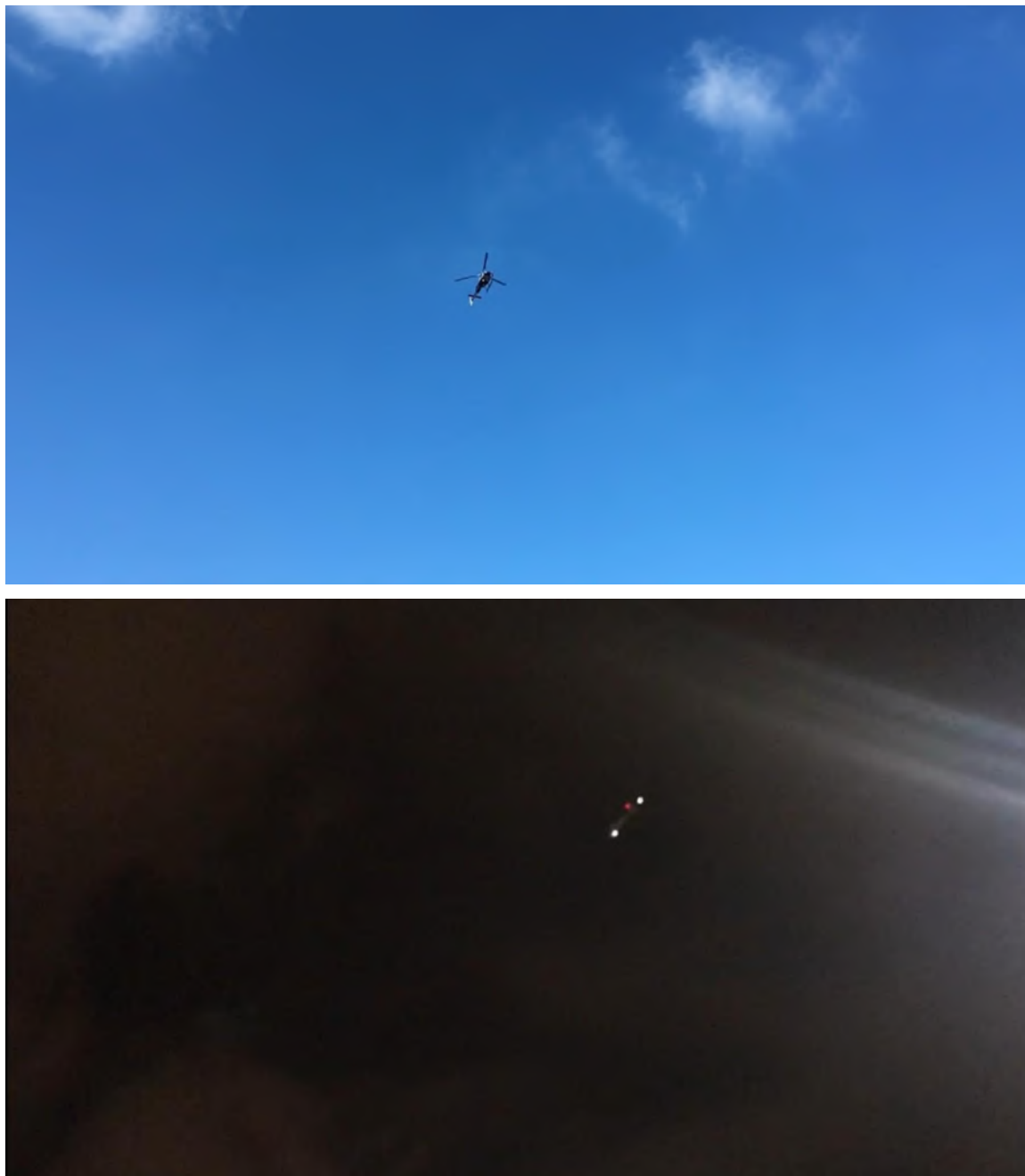


Fig 12 e 13. Captura dos filmes Capitão-do-mato 1 e 2, 2016 e 2019, respectivamente

— *No primeiro estava em casa, eram por volta de oito da manhã e por conta da carga nova que chegava pela rua que moro, acordo esses bichos sobre minha casa, literalmente. Tentei documentar a invasão, saquei meu celular e fiz o registro. Capturei o bicho por 1m e 32s. No segundo, indo pra casa, na central do brasil. Uma correria danada, um monte desses na cabeça, nem pensei em nada, só saquei o meu filhote e capturei o bicho. Esse ficou no laço por 3 minutos e pouco.*

Visitando algumas leituras indicadas no início da graduação, encontro no livro *A História da Arte*, de E. H. Gombrich (1909-2001), muitas reflexões indelicadas a respeito da produção de povos ancestrais, aqui tratados enquanto *primitivos*¹⁰, logo no primeiro capítulo. Na tentativa de abraçar povos originários de todo o planeta apenas neste momento, o autor, tenta compreender e conceituar arte enquanto objeto *para ver*, utilizando de diversas civilizações como objeto argumentativo. Não obstante, nomeia o capítulo de *Estranhos Primórdios* pois, para além da função utilitária das imagens e os objetos, como moradias e vasos, estão no mistério das imagens e nas energias dos sagrados o que, segundo ele, “a fronteira entre o real e a imagem se torna vaga.”

Na dificuldade em compreender algumas terminologias, foi importante perceber que o autor se preocupa em tratar a ideia de vagueza ao qual apresento enquanto evento axiomático, onde a diluição destes conceitos, arte, utilidade, ou melhor, a não definição destes conceitos não forma, em sentido algum a desimportância e a complexidade que estas identidades lhes representam. No entanto, o que preocupa aqui são as comparações: aproximar desenhos rupestres de povos que ainda buscam viver em formas próximas aos que os originaram é bastante indelicado, sobretudo quando se trata de sequencialidade. Não há possibilidade de associar o mistério e o encanto de civilizações gigantescas a desenhos rupestres. Aproximar povos tão díspares geograficamente e historicamente, sobretudo no campo da estética, é reduzir ambos os lados:

“Entre eles, construção e criação de imagens têm funções idênticas. Suas cabanas existem tanto para abrigá-los da chuva, do vento e do sol quanto para protegê-los dos espíritos que produzem tais fenômenos; já as imagens têm como objetivo protegê-los de outros poderes que, para eles, são tão reais quanto as forças da natureza. Pinturas e estátuas, em outras palavras, têm uma função mágica.” pg.38

“Em vez de começarmos pela Era Glacial, comecemos por nós mesmos. Imagine-se recortando uma foto do seu ídolo esportivo do jornal de hoje - você gostaria de pegar uma agulha e furar-lhe os olhos?....Por mais que, no fundo, saiba que o que quer que faça à foto não afetará em nada meu amigo ou ídolo, ainda assim sinto uma vaga relutância em danificá-la.” e continua “ Curandeiros e feiticeiras de todo o mundo praticam alguma forma de magia - fazendo pequenas imagens do inimigo e perfurando o coração do andrajoso boneco, ou queimando-o, na esperança de fazer o adversário sofrer. Mesmo o judas que malhamos no Sábado de Aleluia é um resquício dessa superstição.” pg 38

¹⁰ “Nós os chamamos ‘primitivos’ não por serem mais simples do que nós - ao contrário, seus processos de pensamento tendem a ser mais complexos que os nossos -, mas por estarem mais próximos ao estado original de toda a humanidade.” Gombrich, E. H. pg. 37-38.

E finaliza:

“Certa feita, quando um artista europeu fez desenhos do gado em uma aldeia africana, os habitantes ficaram irritados: ‘Se você os levar consigo, do que vamos viver?’” pg 39

Tragos estes fragmentos de 1950 para que compreendamos além dos perigos que correm agora, as questões interpretativas que apresentamos em sala de aula. Na tentativa do autor em criar entrelaçamentos a respeito da ideia de captura imagética e formação de imagem, aproximar povos originários específicos, com escritos pré-históricos, muitas das vezes quase tão distantes em temporalidade quanto o agora, não enuncia de maneira alguma a complexidade destas civilizações, muito pelo contrário. Porém, percebemos que durante o texto existe uma tentativa de apresentar a ideia de que a captura, que seja no âmbito material ou não como se apresenta nos fragmentos apresentados acima, segundo o autor, é uma das possibilidades que tenta compreender da magnitude pergunta: *o que é arte*.

Não pretendo, obviamente, e nem tenho interesse em discordar do posicionamento teórico de Gombrich aqui, mas é importante que percebamos a quais textos somos apresentados no início da graduação. Em que momento pode se construir narrativa no tempo do vivido e do falado senão regurgitando?

Em *Yurugu - Uma Crítica Africano-Centrada do Pensamento e Comportamento e Cultural Europeus* de Marimba Ani, como o próprio título sugere discute-se muito a respeito da formação e difusão dos modelos europeus, fundamentais para diversos acontecimentos inesquecíveis ao longo dos séculos. No fragmento *O Novo Modo Dominante*, trata-se da inserção do *modo letrado*, ideal comportamental baseado nos modelos gregos¹¹ de comunicação e de atribuição de símbolos e significados, promoveu um formato de mais próximo do *racionalismo pós-socrático* no imaginário do europeu (*utamawazo*¹²), dando início as práticas expansionistas, consequentemente coloniais a partir da metade do segundo milênio. Apesar de bastante inacessível inicialmente, o *modo letrado* aos poucos se tornou bastante valioso e a longo prazo, foi fundamental para reconhecer e *reduzir* outras possibilidades de escritas e comunicação, sobretudo a egípcias, a mais antiga, além de desvalorizar em seu próprio território outras possibilidades de *poéticas*, como é tratado no texto. Como Grada Kilomba nos mostra, “nós nos tornamos a corporificação de cada um desses termos, (...) o racismo é discursivo e não biológico;”. Como aprendi nos anos de escotismo e agora reforçando com Lélia Gonzalez, *sempre alertas aos perigos*.

No entanto, em relação as possibilidades de captura e desejo às necessidades do tempo, há maneiras outras de apresentar perspectivas de representação de mundos. Em 2016, e depois em 2019, capturei nos vídeos *Capitão-do-Mato 1 e 2*, dois helicópteros ou *monstros de ferro voadores* que sobrevoavam minha cabeça.

¹¹ “O modo de comunicação preservada (que tinha caracterizado a maioria das culturas e que prevaleceu na Grécia séculos depois de Platão), era o poético, o oral, e até certo ponto o modo simbólico, embora a cultura Grega não fosse tão bem desenvolvida a este respeito, tomando emprestado de outras culturas seus conceitos religiosos e sagrados. Este modo se baseava na identificação do conhecedor com o conhecido, nos poderes de memorização, e na familiaridade do ouvinte/participante com o assunto que está sendo usado. Os modos simbólicos das civilizações mais antigas e desenvolvidas também exigiam a apreensão de abstrações, mas estas não eram as abstrações racionalistas que viriam a dominar no pensamento Europeu.” ANI, pag.

¹² “Pensamento culturalmente estruturado. É a maneira em que a cognição é determinada por uma *Asili* cultural. É a forma na qual o pensamento de membros de uma cultura devem ser modelados se o *Asili* estiver para ser cumprido.” ANI, pag.

Na tentativa de simular aquilo que o estado considera ferramenta de poder essencial, a vigilância, proponho ao espectador a experienciar ser observador, no ponto de vista do *outro*¹³. Ainda que, nestas atribuições de oposição e conflito a respeito do que é apresentado nas narrativas do estado e seus mecanismos de validação de poder, é preciso ter a responsabilidade, ao fazer parte de um corpo social, que ao ter a sua *privacidade* ou melhor, a tão prometida *liberdade* posta em jogo, é perceptível a invasão a sua não existência. Faço parte de um contexto que já naturaliza os eventos que são tratados enquanto extremamente violentos, assustadores, impressionantes, mas também consciente dos malefícios do enfrentamento. Dos perigos de levantar a cabeça e gritar. Essa espécie de amortecimento moral funciona para quando, conviver com *monstros*, cuja principal objetivo ali cercar, assombrar e diminuir, no macro e no micro, enquanto comunidade e *sujeito*, precisa tornar-se cotidiano.

Chamo o filme de capitão-do-mato pois além de estar no imaginário colonial como um dos símbolos da democracia racial¹⁴, também é um personagem fundamental de controle soberania do colonizador sobre *nós*. Como Mario Baldo elucida sua dissertação de pós-graduação inteiramente dedicada ao personagem. O texto, busca dentro do contexto brasileiro apresentar, registrar e retratar, nas diversas possibilidades que surge o Brasil, quais papéis e realizações esses homens que diferente dos feitores, encaravam os perigos do mundo em troca dos privilégios da tal liberdade. E quando necessário, perseguem, violentam e comercializam seus próprios irmãos por ela. Convido-os a darem uma passeada por lá.

Aproprio um fragmento, que encontrei no tese de Mario e comporta apresentar um pouco do cotidiano desses homens, o fragmento é de João Alípio Goulart, retirado do livro *Da fuga ao suicídio* de 1972:

Caçador de gente, o capitão-do-mato vive de engenho em engenho, de fazenda em fazenda, ofertando seus serviços a senhores que porventura tenham escravos "tirando cipó", isto é, sumidos por aqueles pedaços de mundo. Inegavelmente, era amante da profissão aventureira que exerce, que o ocupa e rende-lhe os meios de subsistência. (...). Ganha de todos os lados: ganha do dono do negro a tomadia; do "padrinho" do negro ganha a propina. E, de outros protetores do prófugo — a esposa, a amante, a mãe — vem-lhe às escondidas a gorjeta, para que afrouxe a caçada renitente. A paga tanto pode ser em dinheiro de contado como em artigos e mercadorias; e até pelos chamados "meios inconfessáveis" quando estes, mais exigidos que ofertados, chegam-lhes daquelas derradeiras e oprimidas fontes. Levava, em suma, vida perigosa e errante, posto que de seu interesse e até mesmo do seu gosto e prazer. Sofreia a montada diante da porteira da casa-grande e, ainda do alto da sela, grita a plenos pulmões sua anunciada presença:

—"Tem escravo fugido?"

¹³ Grada Kilomba em diversos momentos no livro *Memórias da Plantação* utiliza das relações de alteridade e oposição, *eu e outro*; sujeito e objeto, para apresentar dicotomias a respeito do uso do poder, aqui tratados no âmbito do racismo.

¹⁴ Nascimento, Abdias, pg. 84. O Genocídio do Negro Brasileiro

Caso afirmativo, desmonta, e no seu andar desvagaroso e banzeiro galga a escadaria fronteira da sede da situação. No escritório, a um canto do (sic) sala-de-frente, ou mesmo na espichação da rede alpendrada, o senhor o aguarda para o ajuste do negócio. Achega-se, mesuroso, rasgando cumprimentos e mostrando alvar sorriso abrindo-lhe os lábios. Ouve, de pé, assinalada descrição do negro fugido. Dispensa notas escritas por ser via de regra estúpido. Mas, num prodígio de memória, que lhe supre a contento a ausência do alfabeto, arquiva todos os sinais da "peça" até o mais mínimo detalhe, num registro claro e nítido da fotografia mental. Combinada a empresa, pede licença e afasta-se. Sai barulhando as chilenas no assoalho de tábuas de madeira de lei. Reecanchado à montada, tal se fora um rei, volve um olhar soberano pelo terreiro: e logo põe-se a caminho "mode achar serviço". Pag 69/70

Quando viajo para outros tempos e visito minhas importunações, vejo nelas forma e cor extremamente nítidas, uma cintilância que chega a irritar aos ouvidos. Cacofonias gritam, como um berro ensurdecador¹⁵. Percorri por muitos campos desde os tempos de treinamento, porém ao deparar com o dedo indicador apontando para cima sobre a boca fechada, olhando de cima pra baixo, não aguentei. Minha boca abria mais ainda quando as dele fechava. Abria tanto que não sinto mais o maxilar. Sobre ela, somente restou os dentes, afiados como nunca antes. Pois, é na carne que o perigo corre.

Amei fugir. Não era escravo, mas a Fuga foi como voar. Não somente pelo medo de ser caça, mas também pela sede do que se resultará no fim desta corrida. Os caçadores dos quais fugimos sempre possuem algo em comum, algo que os une afetivamente, como uma missão, um sonho, uma necessidade. Infelizmente esquecemos que também podemos caçar.

*Não posso abaixar a cabeça pro monstro.
A máscara não pode ser esquecida.
Também somos caçadores.
Preciso voltar.*

E de cabeça erguida absorvi as lições que aprendi no mundo, os papos que foram passados pelas corridas nos campos, tatuo dentro da pele.

Quando virei de costas, ao pé do ouvido, as encencas que cintilavam ficaram cada vez mais baixas. Hoje elas só sussurram e ainda sim, sempre falam sobre as mesmas coisas, desde o perigo nos comunicarmos uns com os outros, incluindo a si próprio, ao ideal de tranquilidade qual aprendemos a almejar. É impossível contar por mim o cuidado que foi passado a respeito dos bens que não são meus. Lembro desta vez que levei para casa o estojo de um colega de classe sem perceber e não deu nem tempo de explicar, levei uma coça inesquecível. Para os meus pais só podem existir dois tipos de nós, os de *boa* (subalternos) e os de *má* (rebeldes) índoles. Mais uma vez não existe o entre aqui, não tem conversa. Vejo até hoje, nos olhos brilhantes deles o desespero em me ver carregar uma singela tatuagem no braço. Recordo também que na quarta série, uma colega de classe, branca, levou meu estojo, a princípio, sem

¹⁵ Cruz, Yhuri, pg. 01. Pretofagia: ensaio-cena em 04 atos, 2019.

querer para casa, lembro da coragem que nos faltou em confrontá-la. Ela nunca devolveu o estojo e foi a primeira vez que tinha ganhado a caixa de 24 cores. *Cuspir caroços* deve agregar e rasgar pelas palavras que saem desta boca e mãos, aquilo que percebemos mais de uma vez e não compreendemos. Aliviar então é o que eu desejo, ou pelo menos reconhecer o tamanho da sua batalha.

Já consigo correr, em direção ao vento, de volta para casa. Para o colo dos meus velhos e para por eles no meu colo também. Correr para os tempos de quando o sol distribuía calor¹⁶ o suficiente. Agora ele queima o quengo de uns mais que os outros. Sejam sinceros, não há sensação melhor que o frescor quando chega atrás da orelha e vem tomando o resto do corpo num arrepio, do alívio de tirar os sapatos depois de um dia cheio de trabalho, ou do som da tampinha da cracudinha tomando o ambiente junto do sabor de uma cerveja gelada, volto para casa porque gostaria que cuspir caroços esteja para além das memórias doloridas. *Cuspir caroços* também é domingo com pagode e churrasco, também é chegar lá em casa e ouvir a panela de pressão chamando, o cheiro do mar e o som da chuva. Mas também dói um pouco, como uma ressaca.

Depois de um dia cusbindo, convido a todos a tirarem uma soneca.

Cuspir caroços é parte do descanso. Começo a compreender que devo remodelar quais valores que devir sujeito estão em acordo com o território que te pariu. Muito complicado, pois trabalhar aspectos onde atravessam a autoestima e os afetos, tudo isso porque o plano colonial se executa perfeitamente, sempre trata das dores do abandono. Abandono que também é apagamento. Quando as rodas são desfeitas, no tempo de *cronos*, não é possível visitá-las novamente. Nesse plano, o ancestral é ultrapassado e o originário é *primitivo*. Então, por qual caminho deveríamos correr?

Desejo que quando esbarramos pelas feridas, as convidemos a dançar. Por que quando elas estão envolvidas, se perdem nas memórias. Lembro do rosto da minha mãe desesperadamente gritando meu nome para que eu entre em casa. Era difícil obedecer, mas quando sentia o cheiro do feijão dela, ia correndo para bater aquele pratão. Toda vez que ela chama pra comer é a mesma coisa, depois de um dia de luta, tiro a corda do pescoço e entro naquele prato, sambo com os feijões e tiro uma soneca. Descanso, finalmente.

¹⁶ Jesus, Maria Carolina de. *Casa de Alvenaria: Diário de uma ex-favelada*, pg. 18



Fig.14: Resultado da ação *Dona Benta*, 2016

— *Fiz esse serviço umas três vezes, a pior parte é tirar a farinha da carcaça, gruda igual chiclete. A melhor é tirar essa cabeça. Voltar a ver, melhor sensação não há*



Fig 15. Registro do serviço *Apagão*, realizado no Centro de Artes Hélio Oiticica em 2018

ouvir os velhos.

*

Toda hora meu avô, pai de minha mãe, me chamava num cantinho. Na época não compreendia muito bem o que ele tentava dizer, hoje lembro perfeitamente. Dizia que aos olhos dele, eu me chamava outra coisa. Me convidou, em sonho, a digerir meu primeiro nome. Fui engolindo devagar, nasci Nelson. Na rua, me chamaram de Nelsa. Nos últimos anos não reconhecia Nada, mas agora, sinto o que resta deste nome está terminando de passar pelo esôfago e finalmente consigo dizer: Almeida da Silva.

Nelson vem da Inglaterra, se traduz *filho de campeão*. Dou todo valor do trabalho suado de meu pai, também Nelson, a mesma coisa. Convivo com o peso de carregar este nome desde que nasci, e não sinto que o legado de virilidade dos homens de minha família pertence aos meus. Nelson não representa esta casca, portanto, prefiro carregar os últimos nomes dos meus progenitores como meu primeiro. Agora, ao apresentar-me, entoarei junto da minha voz, as vozes dos que me acompanham. Pois Almeida e Silva ¹⁷ são os nomes do meu sangue, pelo menos desde que chegaram nesta terra. E é deste sangue que venho me alimentando nos últimos tempos.

Absorvo esta nomeação, pois tenho muito medo de esquecer¹⁸ tudo de novo. Quando nasci, não lembrava de nada, recuperei algumas memórias ao longo dos anos e quem sabe um dia, pretendo lembrar de tudo. Porém, das que eu lembro, a mais viva é também a mais dolorida. Apesar de não ser a primeira memória que foi esquecida, depois desta, não lembro de mais nada. Aprendi que preciso carregar os nomes das minhas duas famílias, para não esquecer, definitivamente.

*

Num dia desses, entrei num caminho cheio de pedrinhas miúdas. Do tamanho de pedra brita, daquelas de obra. Toda vez que tropeçava em uma, engolia, igual a falecida Kate, uma cachorrinha que eu tive. Nessa direção eu fui comendo um monte, não descia fácil, e seguindo em direção a queda d'água que me convidou para tomar um copo de suco. Ainda não tinha chegado, mas já havia me empapuçado com as pedras. Toda vez que engolia uma, as outras que já estavam dentro da minha barriga, reclamavam. Empazinei-me de pedras. Desisti no meio do caminho, resolvi voltar pra casa. Chegando lá, cuspi tudo de volta. Só que como o corpo é fértil, as pedras saíram em favas. Um pouco maior. Segurei até chegar dentro de casa, porque sei que lá tem feijão todo dia. E feijão dá uma força danada.

Soube na primeira colherada que esse dia havia de chegar, descansar um pouco, tomar um ar. Sucumbi pelos cochilos da tarde, até porque foram tantos os giros, gerações, que já sair do ventre de minha mãe já me deixou exausto. Entre um cochilo e outro, desejo compartilhar um pouco da delícias em estar em casa no contexto de reclusão que vivemos nos últimos meses. Como prática cotidiana o exercício de compartilhar memórias durante o café da tarde, ou

¹⁷ No Império Romano, o povo que vivia pelas matas, escondidos, no anonimato, eram chamados de Silva, do latim, selva. O Silva chega ao Brasil também na forma de se camuflar na mata tropical dessa terra. Vivendo pelas sombras. Os que vieram obrigados, tiveram seus o nomes arrancados e foram batizados como da Silva. Não tiveram a opção de se tornar ninguém. Os que vieram por vontade própria, tiveram a chance de se batizar novamente Silva, viram no novo mundo, a oportunidade de reconquistar a sua própria vida, a decisão de se tornar ninguém.

¹⁸ “o que é Cura? Estou fazendo essa pergunta para vidas invisíveis e aquelas que aqui estão encarnadas. Como curar o colonialismo que nos adoce cotidianamente? Acredito na cura como um movimento cotidiano de nos fazer lembrar daquilo que a racialização nos faz esquecer.” Sinopse de *Lembrar daquilo que esqueci*, vídeo documentário de Castiel Vitorino Brasileiro, 2020

compartilhar carços a respeito dos tempos de batalha no qual cresci e antes disso. Compartilho um pouco dos tempos que me dediquei pela primeira vez, cuidar um pouco dos meus velhos, enquanto eles cuidavam de mim, é claro.

amuletos



Fig 16. O primeiro dente que perdi e Nossa Senhora no pescoço de minha mãe, 2020



Fig 17. São Jorge Guerreiro ou Ogum, no pescoço do meu pai, 2020

transcrição do dia 22 de julho de 2020

Nelson da Silva: Tava eu, Mariana, aí eu olhei assim, abaixei a cabeça e fiquei de cabeça baixa, porque eu olhei pra tua cara e depois baixei a cabeça. Mariana que é espírita, Mariana que é esse negócio aí, que entende também viu e ficou quieta....Aí quando passou o papo, quando foi no outro dia nós conversamos sobre isso, falei com a tua mãe:

-Você viu ontem o que aconteceu?

-Não...

-Você não viu nada? Você não reparou? Aquele negócio dele falar...que ele veio pra resgatar o negócio...que é dele aqui..."Vim, isso aqui tudo é meu! Voltei pra resgatar o que é meu! Isso daqui é tudo meu! Vim pra tomar conta do que é meu!"

Aí tua mãe:

- É...eu notei isso

Aí eu:

- ...Você olhou pra cara dele?

-Não, não quis olhar não...

-Então, eu também não olhei.

E Mariana olhou pra cara dele e baixou o olho, Mariana ficou de cabeça baixa, sentada na mesa e ficou.

Aí eu falei:

-Então aí tem alguma errada...Porque ele falou que veio pra resgatar...

Aí ela:

-Isso é coisa do meu pai....

Tania de Almeida: Quer que eu repita a história? Tá bom assim né...

AS E NS: Nããã...

NS: Foi uma coisa assim...que foi visto...ninguém tinha bebido, ninguém tinha tomado nada, ninguém tinha falado nada...

Almeida da Silva: pior que mariana era nova....

NS: Mariana era nova....Mariana mesmo sabe. Isso foi falado, foi repercutido. Depois falei com ela, falei com Mariana, falei com a Claudete, Claudete falou: é realmente...é verdade.

Você vê, naquele dia que nós fizemos o negócio de casa aqui...que o bicho:

- AAAAAAAAAAAAAAAA

Ninguém tinha bebido nada, ninguém tinha tomado nada. Tava todo mundo de cara limpa... E você saiu do quarto:

- Vamos pegar o rato, vamo pegar o rato, tem um rato aí.

Aquela gritaria...

Ele veio, abriu as mão assim, e veio em cima de mim. Aí eu pulei no sofá, chamei a Tania.

- Vem cá, vem cá, vamo pegar vamo pegar.

E tua mãe puxando colchão, você saindo de dentro do quarto quarto...E depois escutamos o barulho do rato aqui, dele pulando na panela. Lembra quando ele pulou na janela? Como que se vai pular se não tinha panela nenhuma aqui? Só escutamos um barulho de panela. Você entendeu? Foi um espírito brincalhão...que veio aqui pra assustar a gente...

AS: QUEM SERÁ QUEM SERÁ?

NS: QUEM SERÁ?

É coisas que...essa casa aqui acontece, coisa assim...eu quando to vendo televisão, escuto coisas...Quando não to afim eu desligo a televisão e vou dormir, deito lá e fico....

AS:Igual naquele dia do Natal também não teve...

NS: Natal, Natal....

AS: Acho que foi por causa do meu tio né...não foi isso?

NS: É...O Gelson tinha morrido, e eu tava lá embaixo...Fui lá...Eu não sabia de nada, simplesmente fui lá. Visitei ele, ele tava morrendo, visitamos e tal e ele morreu...
Chegando em casa, eu cheguei em casa, passou e tal...Veio o Natal...

(telefone toca)

Se perguntarem por mim, diz que eu que eu to lá embaixo, trabalhando...

Aí eu comecei a ver aquilo...Aí eu falei vou levantar pra comer alguma coisa, não tinha bebido, tava de cara limpa...Aí levantei (de madrugada), quando saí do quarto senti um negócio, um frio...um negócio que parece assombração. Aí fiquei olhando assim, assustado...

E eu não conseguia passar da sala pra cozinha, eu não conseguia passar....Eu não conseguia chamar tua mãe, mas também não conseguia passar...

Aquele troço pesado, aquele troço grudado em mim...

AS: Te travando mermo né...

NS: É...Me travando, me travando, me segurando, e eu rrepiado parecia que eu ia cair, parecia que eu tava passando mal...e eu falei: pelo menos eu tenho que ir no banheiro mijar

E eu não conseguia...olhar pra lá da cozinha eu não conseguia...Tava em pé ali, alguma coisa ali...

E eu fui no banheiro, mijei, com aquele lado meu ali, grudado, aquele troço ali...eu rezando pai nosso:

- Pai Nosso que estás no céu...na na na, na na na...

Fui rezando, fui rezando...E fui pra cama, olhei pra cama, olhei, não conseguia chamar a Tania...Entrei na coberta me encolhi, e fiquei...Aí coleí perto da tua mãe fiquei grudado...Aí por fim, falei:

- **CARALHO ME SOLTA PORRA!! ME SOLTA PORRA!!!!!!**

Aí comecei a xingar, aí troço foi parando, foi parando, foi parando...Aí fui voltando ao normal...Mas eu fiquei acordado...Mas fui voltando

Aí passou...Contei pra Denair, ela falou:

- Foi teu irmão que teve aqui, porque você foi lá, na missa dele...E como ele não sabia onde você morava, ele veio atrás...

Aí foi onde que...

AS: Ele veio ver...

NS: Não... Ele não veio ver...Ele veio atrás....Quer dizer, lá na missa as pessoas falavam, pro Marcello, filho dele:

- Ó o Gelson aí, teu pai tá aí...teu pai não morreu não

Que disser que eu sou a mesma cara do Gelson, que eu sou a cara dele...

Então quer dizer, quando eu vim de lá pra cá... A Tania falando que na igreja contou que o espírito vem te acompanhando, na missa de sétimo dia....

Que vem o espírito te acompanhando...

Aí ficou aí, se apossou daí, entendeu?

É coisas que...tem que acreditar...Eu não tenho religião, eu não tenho, não sou católico, não sou macumbeiro, não sou nada. Mas eu acredito de tudo um pouquinho, tudo eu acredito um pouco porque...tem que acreditar, entendeu. Porque o universo tá aí, os espíritos tá aí né....

AS: É....Tão aí né...O tempo todo...A gente muito mais do que ela...a morte

NS: é ISSO AÍ... É justamente,... tem gente aí espalhado em tudo quanto é lugar...você vê, você olha, você acompanha, só que você não tem o alcance....É igual eu falei pra ela, o céu...o Céu não existe, o povo fala:

- vai morrer vai pro céu.

Não existe o Céu. O céu é o infinito. Então, não me conformo com isso...É igual falam de Deus, deus...Deus na coração de cada um. Os médicos, os doutores que falam:

- Deus deus tá no coração de cada um.

Não adianta dizer, ah vai pro céu, vai pra não sei aonde, vai pro...Ah não vai pra lugar nenhum. Aqui você vai fazer, aqui você vai pagar...

E o deus é o teu coração, se você tiver índole boa, você vai ter o teu deus, mas se você tiver índole ruim...

Tem gente que não acredita, e vive muitos anos sem acreditar...

AS: Em Nada.

NS: Em Nada...Não...Tem gente que tem raiva de deus, não acredita em deus. E vive duzentos anos e dá sorte normal como todo mundo, então, cada um é de um jeito.

Igual o Padre Marcelo, ele fala, não acredita em mim, acredita em você. Não adianta você ficar ouvindo o que eu falo, entendeu...E fazer tudo errado. Você que tem que acreditar no teu potencial, você que tem que ter tua fé, não é ele...Ele vem fala as coisas, estudou pra isso. Mas é você que tem ter tua fé...Não adianta porra nenhuma...Igual falei pra tua mãe, você pode rezar, pedir a deus e ficar dentro de casa, pedir com fé e você consegue...Eu graças a deus, faço isso e tá tudo certo...

Eu vou na igreja mesmo, as vezes por ir...Igreja não resolve nada.

AS: A igreja é um lugar né...que a sua casa...

NS: Você entendeu, se você tiver um lugar, e levar teu coração e falar com aquilo com sentimento, você consegue. Ter fé e acreditar sempre. Eu passei por tanta coisa, e...Eu acredito sempre que existe um deus.

Igual quando minha mãe morreu. Minha mãe morreu pra salvar a gente, eu falo assim...Por que, se minha mãe estivesse viva a gente estaria lá no meio do mato até hoje. Ninguém sobrevivia. A gente estaria tudo fodido por lá. Igual o Elson..Tava vivo mas tava por lá...Minha mãe morreu, pra dar espaço, pra gente poder sair de casa. Papai saiu fora, deixou a gente vagando, à deriva...Mas ninguém morreu. Ninguém estudou, mas ninguém virou bandido. Todo mundo tem a tua vida. Todo mundo tem tua casa tem teu emprego, tem tua vida. Sem estudo, sem porra nenhuma, mas todo mundo tem.

Minha mãe morreu pra salvar a gente, mas se eu falar isso...Então eu guardo pra mim, e de vez enquanto eu falo pra tua mãe.

Tua mãe:

- É...realmente é verdade, você nunca para de falar isso.

Não, eu vou falar sempre e vou sempre continuar falando...entendeu como é o negócio....

E é o que eu falo, isso aqui é tudo bens materiais...Não temos que se apegar em nada. Eu não gosto de ver as pessoas destruir as coisas, porque tudo você consegue é com dificuldade. É o que eu falo com a tua mãe, eu não tenho raiva de as pessoas pegar, quebrar...Ah isso é fatalidade, quebrou problema, isso é bens materiais, vai embora...

Agora você destruir as coisas porque você quer....Vê o negócio e porra, a lampada caindo. Uma coisa que é só colocar um parafuso, botei lá ta lá. O cara vê passar por cima das coisas. Destruindo tudo que é teu....Ah porra, isso é sacanagem né...

Então eu não aceito isso, só isso. Agora o resto...Ta tudo certo.

Será quem foi que ligou aí?

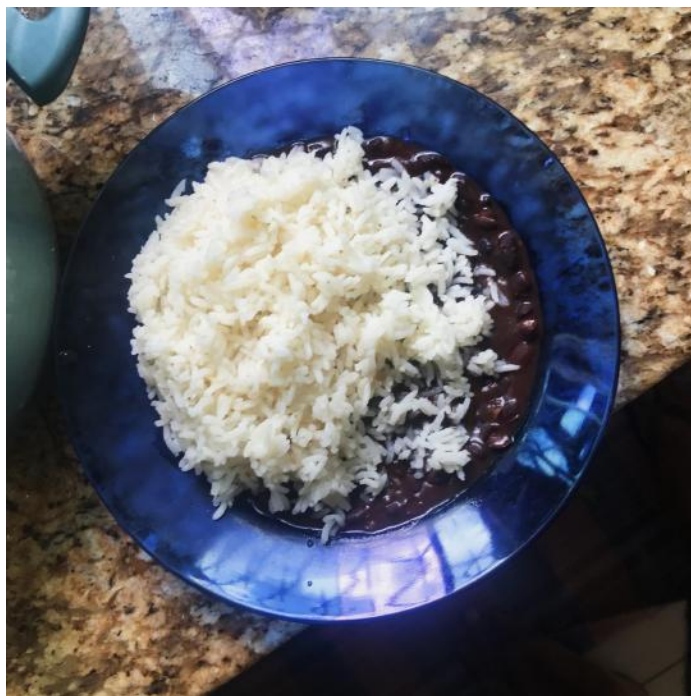


Fig 18. Arroz com feijão da minha mãe, 2020.



Fig 19. Não há dengo maior que a geladeira cheia , 2020.

fofoqueiros lá da rua



Fig 20. euzinho, desenho. 2020

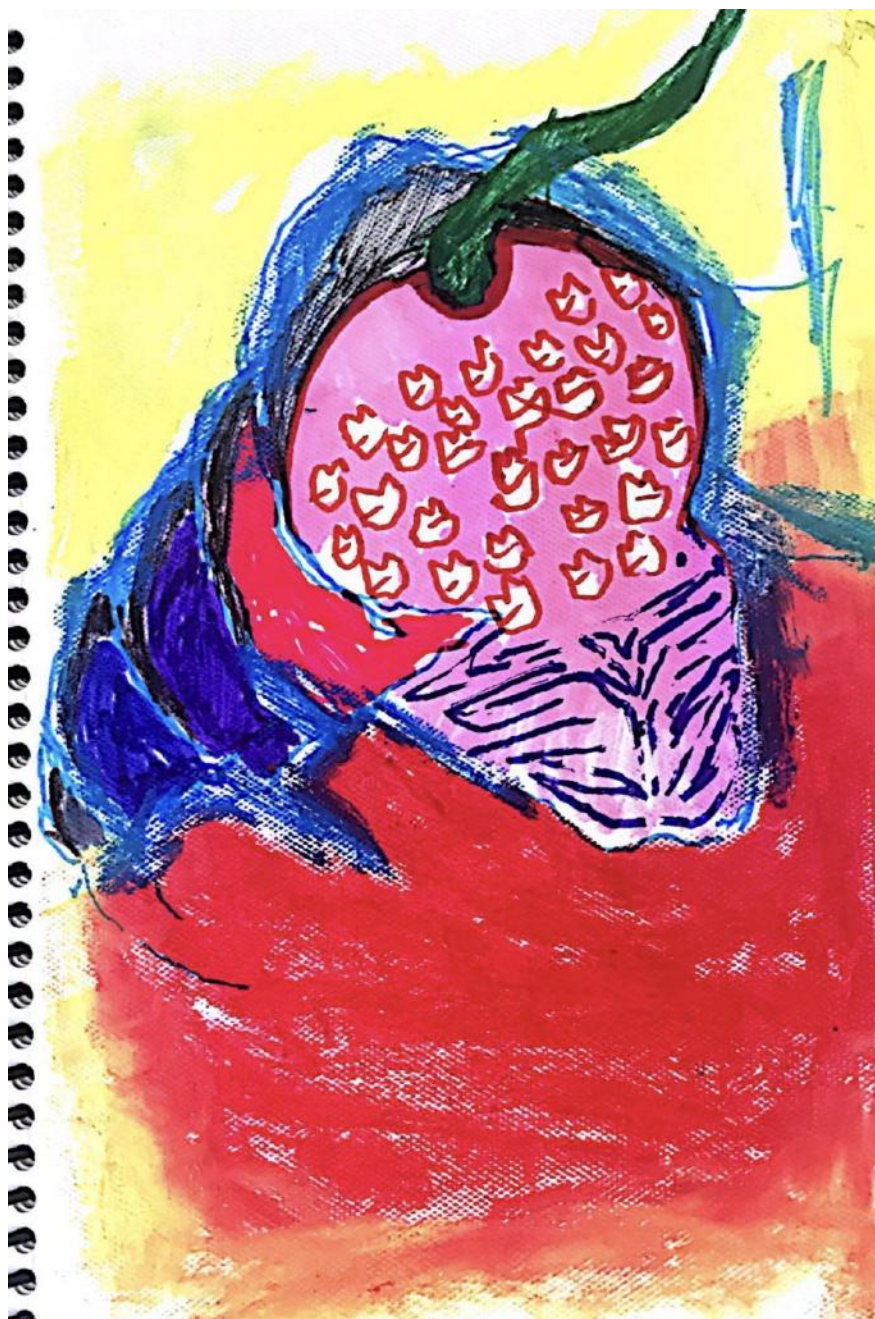


Fig 21. Mocinha, desenho 2020

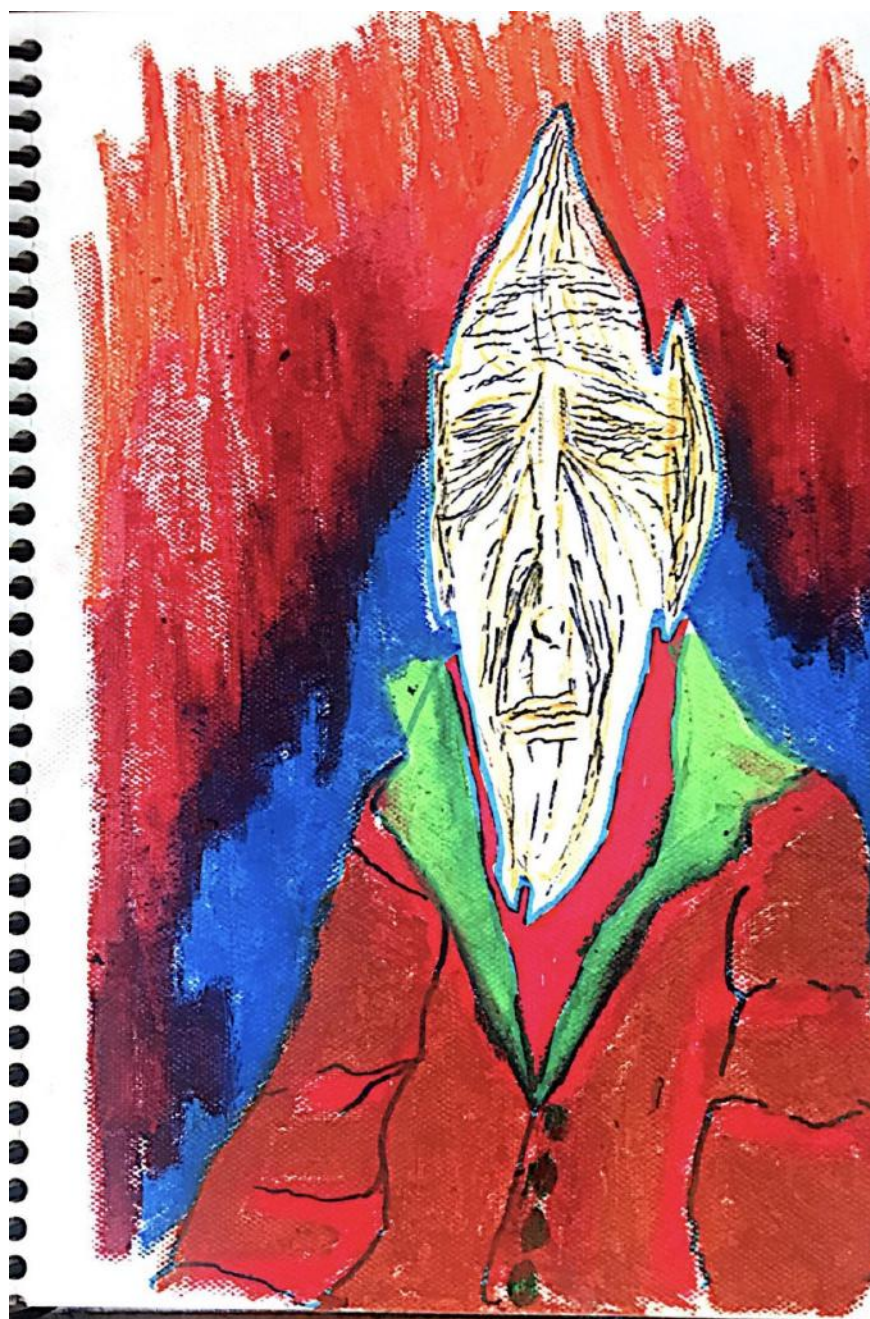


Fig 22. Seu Lívio, desenho 2020

— Seu Lívio, mais conhecido como Seu Gogó, descobri há pouco tempo que ele era primo da Daniella Mercury, guardou esse segredo da vizinhança até o túmulo pois era um homem de fé. Faleceu ano passado, mas mesmo na cadeira de rodas não deixava um dia sequer de ir na muretinha fuxicar a vida dos outros. Sua língua moveu montanhas



Fig 23. Seu Adatao, desenho. 2020

- Outro senhor lá da rua.

bichas de fogo



Fig 24. Bicha de fogo 1, 2020



Fig 25. Bicha de fogo 2, 2020



Fig 26. Bicha de fogo 3, 2020.



Fig 27. Bichas de fogo, 2020.

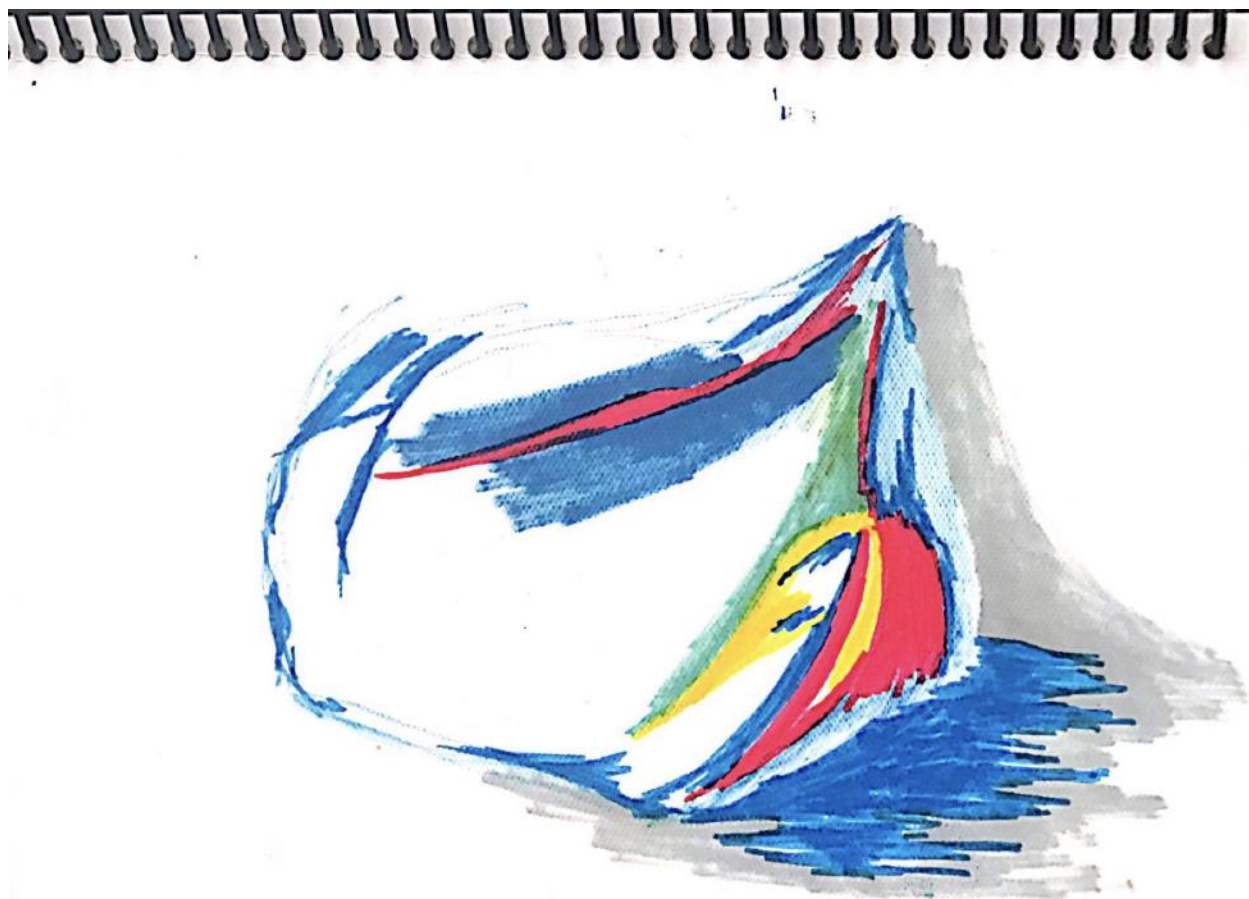


Fig 28. Bicha de fogo 6, 2020.

— *tenho desenhado bastante os sonhos que a mim se apresentam, tentando lembrar das coisas que esqueço por lá. estas são bichas de fogo que apareceram no céu de dentro da minha cabeça.*

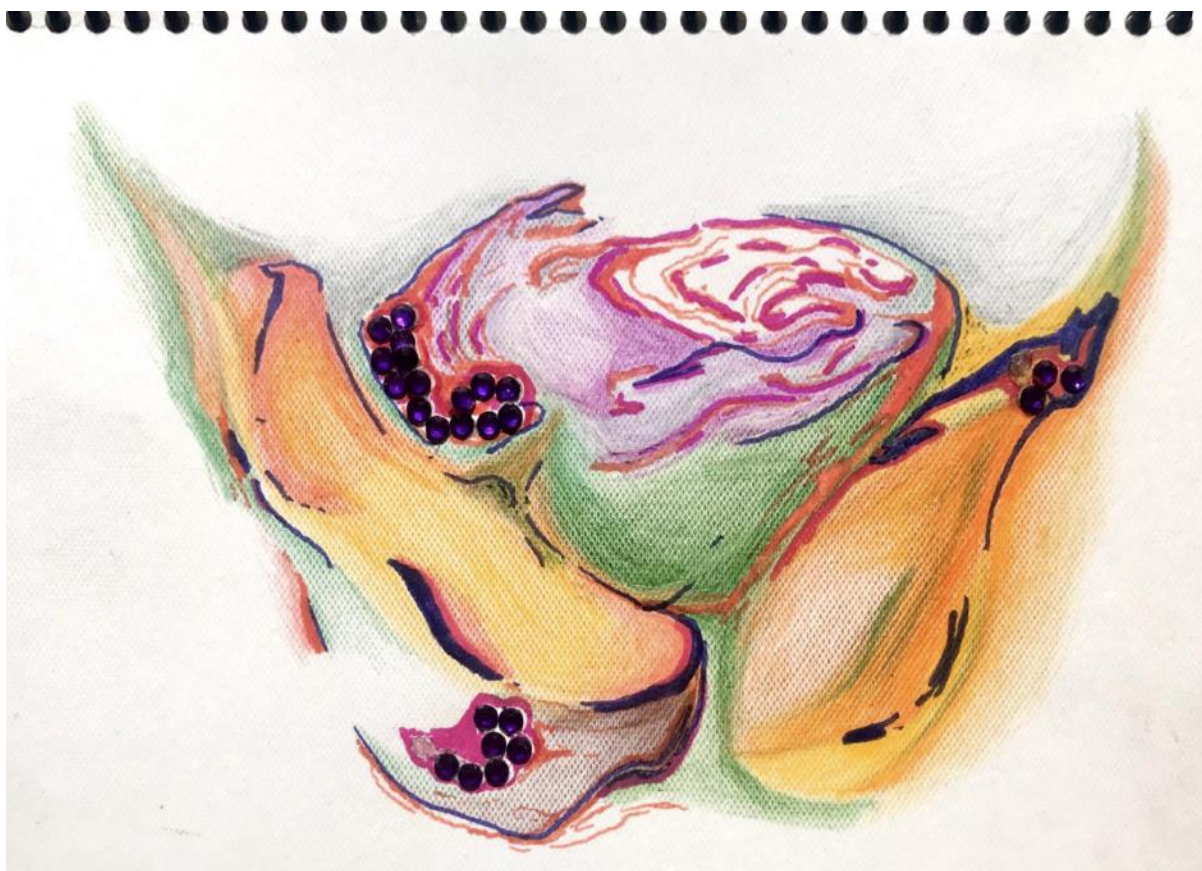


Fig 29. Bichas de fogo se atracando 2, 2020

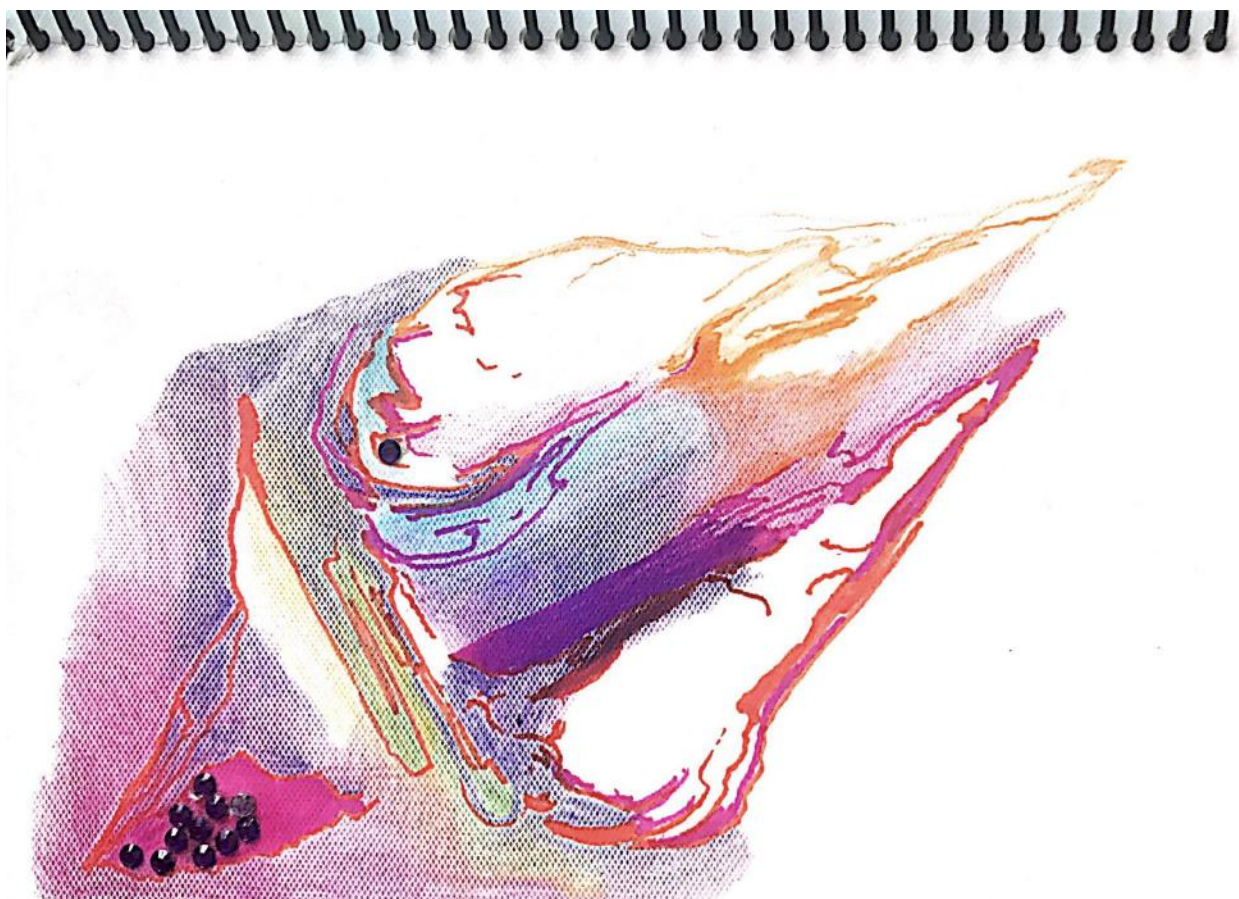


Fig 30. Bichas de fogo se atracando 2, 2020

— *repetidamente deparo com as tais bichas de fogo, dos sonhos. olho para os céus e as vejo dentro de mim, olho pra mim e as vejo ela se alimentando, de dentro pra fora.*

seguir em frente



Fig 30. Caroço 1 ou Nelson do Nascimento da Silva, 2020

*

Nelson do Nascimento da Silva (1950), nascido em uma fazenda de japoneses em Mazomba, zona rural do Itaguaí, região metropolitana do Rio de Janeiro. Possui outros 7 irmãos além de sua gêmea, Nilséia do Nascimento da Silva. Aos 9, perdeu a mãe de tuberculose, foi separado dos irmãos e largado no mundo pelo pai, Acioes do Nascimento da Silva. Parou em Campo Grande, Zona Oeste do Rio de Janeiro, na casa de um fazendeiro, Seu Zé. Era bom e ruim, ao mesmo tempo. Trabalhou por lá até os 18, ganhou o primeiro par de calça e meteu o pé. Se juntou com uma moça desdentada, era a sétima de 18 irmãos. Teve 3 filhos, Luciano do Nascimento da Silva, Leandro do Nascimento da Silva e Rosângela do Nascimento da Silva Muniz. Arrumou um emprego como zelador de escola e se mudou para lá com a esposa e as crianças. Nunca estudou, mas o dono da escola lhe gratificou com um diploma de ensino básico e o mandou seguir em frente. Voltou para Campo Grande, comprou uma casinha lá no Pedregoso, daí foi onde tudo começou. Arrumou um emprego em uma fabricante de asfaltos na região e aplicou o asfalto em grande parte dessa cidade, o Rio de Janeiro. Divorciou-se da primeira esposa e seguiu em frente, sem largar os meninos de mão. Casou-se novamente, tornou-se Supervisor de Máquinas, cargo que ostenta com orgulho. Teve mais uma menina, Mariana Assumpção da Silva, foi quando mudou-se para a Penha. Reencontrou seus irmãos no enterro do pai, falecido por cirrose. Conheceu sua futura terceira esposa, Tania Regina Lima de Almeida, por meio de sua irmã Denair. Teve seu último filho, Nelson Almeida da Silva em 1997, mudou-se para Guadalupe e decidiu ficar por lá. Aposentou aos 50 anos mas só deixou de trabalhar aos 60 e poucos. Seu último emprego foi na cozinha do presídio de Água Santa.



Fig 31. Caroço 2 ou Tania Regina Lima de Almeida. Desenho, 2020.

*

Tania Regina Lima de Almeida (1957) nascida e criada em Guadalupe, Zona Norte do Rio de Janeiro. Filha de mineiros, Nilton de Almeida e Waldette Lima de Almeida, é filha mais nova. Criada praticamente dentro da ditadura militar. Seu pai, sapateiro também era simpatizante do Partido Comunista, portanto era constantemente perseguido. Em 1964, saiu da primeira para última rua do bairro. Foi a primeira casa da rua a possuir um aparelho de tv, a criançada fazia fila para assistir. Nilton faleceu em 1970, deixou sua esposa e seus dois filhos, Tania com 14 e Luis com 18. Sem a presença do pai, seu relacionamento com sua mãe, que não era dos melhores, só piorou. Após diversos abusos, aos 18 anos correu para São Paulo tentar a vida. Desistiu, voltou para casa. Junto dela. De volta ao Rio de Janeiro, trabalhou por muitos anos dentro dos Arquivos do Ministério da Fazenda, já andou de conversível, tomou um chopp com a Regina Casé no bar do Luiz e fumava como tudo mundo. Com o governo Sarney, foi demitida e com o dinheiro da rescisão, investiu em um curso técnico de enfermagem na Cruz Vermelha. Trabalhou por muitos anos no Hospital Psiquiátrico em Barra do Piraí, até passar num concurso público. Conheceu Nelson do Nascimento da Silva por meio de sua comadre, Denair do Nascimento da Silva. Trabalhou e deu a luz à Nelson Almeida da Silva (1997), aos 40 anos, na maternidade do Hospital Getúlio Vargas, até ser emprestada ao Hospital Federal de Bonsucesso. Trabalhou cuidando na UTI neonatal¹⁹ até ser transferida para a Unidade de Pronto Atendimento de Coelho Neto e em seguida, finalmente se aposentar. Enquanto isso, cuidou de sua mãe, diagnosticada com Alzheimer, até o fim de sua vida. Vive no mesmo endereço até hoje, na última rua, em Guadalupe, onde junto a Nelson, construiu um palácio.

¹⁹ UTI Neonatal é um espaço reservado para tratamento de prematuros e de bebês que apresentam algum tipo de problema ao nascer. Nem sempre os bebês internados nas UTI's neonatais estão doentes. Algumas vezes eles estão apenas crescendo e se tornando aptos para respirar, sugar e deglutir.

*

Mais leve, finalmente consigo seguir adiante, retornar a estrada. Procuro pelas marcações que fiz no chão da última vez, não as encontro mais. Percebo que durante esse tempo que sucumbi aos lençóis de afetos, as pedrinhas já se foram. Não será suficiente mover-me para fora se estiver só. Voltei atrás para buscar meus velhos ou melhor, para trocar os pesos. Nos trocamos entre si para que as articulações, quando tensionadas, liberem energia suficiente para que a melhor/pior sensação de todas aconteça: a de simular uma sensação constante de tranquilidade para quem anda por mim. Inspirar para respirar, engolir para evacuar.

Como quando tinha 18 anos e decidi me perder por esse mundo, pulei do colo da minha mãe, fugi para bem longe dali. Não consigo nem contar, nem lembrar, de todas as camas tentei descansar. Mas aos 18 anos, tanto meu pai quanto minha mãe fizeram o mesmo, pularam do colo de casa e entraram no mundo.

Nos últimos anos, procurei bastante um lugar ao qual sustentaria as delícias de estar em casa, nunca encontrei. Vivi pelas poeiras que se acumulam pelos cantos e conforme as horas passam, se tornaram grandes aliadas na compreensão dos desconfortos, essenciais para relembrar. Respeito esta casca a ponto de conversarmos dos tempos. Com ela que começo a perceber a necessidade de gritar como um recém nascido. Pratico pela repetição, alongo as mandíbulas para vazar o que deve sair da boca. O silêncio foi construído com a mais forte das fundações, entre as garganta e os dentes. Nessas condições, de silêncio e incomunicação, reconheço que ainda mal desenvolvi as musculaturas da minha boca. Mesmo assim, decidi seguir em frente, dessa vez, junto deles.

atravessamentos

Kilomba, Grada. *Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano*. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

Mbembe, Achille. *Necropolítica*. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

Gonzalez, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984,

Lima, Maria Batista. *Identidade Étnico/Racial no Brasil: Uma Reflexão Teórico-Metodológica*. Revista Fórum Identidades, [S. l.], ano 2, v. 3, p. 33-46, 10 jun. 2008.

Nascimento, Abdias do. *O Genocídio do Negro Brasileiro: processo de um racismo mascarado*. 3. ed. São Paulo: Perspectivas, 2016.

Gombrich, E.H.. *A história da arte: E.H. Gombrich* ; tradução Cristiana de Assis Serra. - Rio de Janeiro: LTC, 2013.

ANI, Marimba. *Yurugu: Uma Crítica Afro-Centrada do Pensamento e Comportamento Cultural Europeu*. [S. l.]: Africa World Pr, 1994. Tradução disponível em: shorturl.at/syGI3

Baldo, Mario. *O Capitão-do-Mato*. Curitiba: Universidade Federal de Curitiba, 1980.

Goulart, José Alípio. *Da fuga ao suicídio*. Rio de Janeiro, Conquista; Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1972. p. 77.

Cruz, Yhuri. *Pretofagia: um ensaio-cena em 4 atos*. Rio de Janeiro 2019

Jesus, Maria Carolina de. *Casa de Alvenaria: Diário de uma ex-favelada*. São Paulo, Editora Paulo de Azevedo Ltda., 1961.

Motomoura, Marina. Por que tem tanto ‘Silva’ no Brasil?. Superinteressante, 2011. Disponível em: shorturl.at/juDNY. Acesso em: 04 de novembro de 2020.

Butler, Octavia Estelle. *A Parábola do Semeador*. Tradução: Carolina Caires Coelho. - São Paulo: Editora Morro Branco, 2018

Encontros e saberes com Nelson do Nascimento da Silva e Tania Regina Lima de Almeida, 1997-2020